

## Ser mulher para crianças: indicativos de um sistema representacional

 Alanna Tuylla Dantas Figueiredo<sup>1a</sup>  Laêda Bezerra Machado<sup>2</sup>

<sup>a</sup> Universidade Federal de Pernambuco - UFPE, Recife, PE, Brasil



Artigo resultante de pesquisa aprovada pelo Comitê de Ética em Pesquisa da Universidade Federal de Pernambuco, conforme o parecer consubstanciado nº 5.758.311, vinculado ao Certificado de Apresentação para Apreciação Ética (CAAE) nº 61733422.7.0000.5208.

Para citar - (ABNT NBR 6023:2018)

FIGUEIREDO, Alanna Tuylla Dantas; MACHADO, Laêda Bezerra. Ser mulher para crianças: indicativos de um sistema representacional. *Eccos - Revista Científica*, São Paulo, n. 72, p. 1-24 e26769, jan./mar. 2025. <https://doi.org/10.5585/2025.26769>

### Resumo

Neste artigo temos como objetivo identificar as representações sociais do *ser mulher* construídas por crianças matriculadas em escolas públicas do Recife-PE. Representações sociais são entendidas como formas compartilhadas, dinâmicas e funcionais de explicar o mundo. Desenvolvemos uma pesquisa qualitativa delineada como estudo de campo, da qual participaram 20 crianças matriculadas no quarto e no quinto anos do ensino fundamental. Para coleta de dados, utilizamos a prática do desenho e a entrevista semiestruturada, analisados com suporte da técnica de Análise de Conteúdo. Os resultados revelaram representações sociais do ser mulher numa tríade de elementos mãe/trabalhadora/guerreira. Na maior parte das justificativas para a elaboração dos desenhos, as crianças representam o ser mulher tomando como referência a própria mãe, em seu contexto de vida e trabalho. Em face dos resultados, indicamos o *ser mulher*, para crianças, como um campo simbólico para o qual convergem vários elementos que formam um sistema de representações. A pesquisa aqui relatada ratificou o conceito de sistema representacional como representações intrincadas. Os achados evidenciam a necessidade de maiores discussões sobre temáticas pouco abordadas no âmbito escolar a fim de que os professores possam problematizá-las e contribuir para a construção de uma sociedade mais inclusiva no que se refere a diferentes questões relacionadas à diversidade social.

**Palavras-chave:** mulher; representações sociais; criança; escola pública

<sup>1</sup> Doutoranda em Educação na linha de Subjetividades Coletivas, Movimentos Sociais e Educação Popular (desde 2024). Mestra em Educação pelo Programa de Pós-Graduação em Educação (PPGEdu). [alanna.dantasfigueiredo@ufpe.br](mailto:alanna.dantasfigueiredo@ufpe.br)

<sup>2</sup> Doutora em Educação, Professora da Universidade Federal de Pernambuco (UFPE). Docente do Programa de Pós-graduação em Educação (UFPE). Linha de pesquisa: Formação de Professores e Prática Pedagógica. Coordenadora do grupo de Pesquisa: Educação e Representações Sociais. [laeda01@gmail.com](mailto:laeda01@gmail.com)

*How children perceive being a woman:  
indications of a representational system*

**Abstract**

In this paper we aim to identify the social representations of being a woman constructed by children enrolled in public schools in Recife-PE. Social representations are understood as shared, dynamic, and functional ways of explaining the world. We developed qualitative research designed as a field study, with the participation of 20 children enrolled in the fourth and fifth year of elementary school. To collect data, we used the practices of drawing pictures and semi-structured interviews, analyzed with the support of the Content Analysis technique. The results revealed social representations of being a woman in a triad of elements: mother/worker/warrior. In most of the justifications for creating the drawings, children take their own mothers as a reference in their life and work contexts. Based on the results, we indicate being a woman, for children, as a symbolic field to which several elements converge, and those elements form a system of representations. The research reported here ratified the concept of representational systems as intricate representations. The findings highlight the need for greater discussions on topics that are rarely addressed in schools so that teachers can problematize them and contribute to the construction of a more inclusive society regarding different issues related to social diversity.

**Keywords:** woman; social representations; child; public school

*Ser mujer para los niños:  
indicaciones de un sistema representacional*

**Resumen**

En este artículo pretendemos identificar las representaciones sociales del ser mujer construidas por niños matriculados en escuelas públicas de Recife-PE. Las representaciones sociales como formas compartidas, dinámicas y funcionales de explicar el mundo. Desarrollamos una investigación cualitativa diseñada como un estudio de campo, en la que participaron 20 niños matriculados en cuarto y quinto año de primaria. Para la recolección de datos se utilizó la práctica del dibujo y entrevistas semiestructuradas, analizadas con apoyo de la técnica de Análisis de Contenido. Los resultados revelaron representaciones sociales del ser mujer en una tríada de elementos madre/trabajadora/guerrera. En la mayoría de las justificaciones para la creación de los dibujos, los niños representan ser una mujer tomando como referencia a su propia madre, en su contexto de vida y trabajo. A la vista de los resultados, señalamos el ser mujer, para los niños, como un campo simbólico al que convergen varios elementos que forman un sistema de representaciones. La investigación aquí reportada ratificó el concepto de sistemas representacionales como representaciones intrincadas. Los hallazgos resaltan la necesidad de mayores discusiones sobre temas poco abordados en el ámbito escolar, para que los docentes puedan problematizarlos y contribuir a la construcción de una sociedad más inclusiva en torno a diferentes cuestiones relacionadas con la diversidad social.

**Palabras clave:** mujer; representaciones sociales; niño; escuela pública

## Introdução

No contexto atual, tem sido recorrente o debate sobre questões de gênero. No que se refere à discriminação contra a mulher, as iniciativas e as ações de modo geral são insuficientes para mudar ou diminuir o quadro de desigualdade e violência física ou simbólica a que elas são submetidas. As discussões sobre mulher também envolvem os debates que circulam em torno do termo “ideologia de gênero”, que, segundo Rosa *et al.* (2019), tem sua origem em textos de esferas conservadoras da Igreja Católica e vem ganhando força nos últimos anos. Essa expressão, frequentemente difundida por grupos mais tradicionais, apresenta-se como uma ideia conservadora cristã que deslegitima os avanços no que se refere aos direitos da mulher. No campo educacional, preocupações voltadas para essa temática são fundamentais, uma vez que podem problematizar e desconstruir discursos conservadores que naturalizam a opressão e negam a igualdade de direitos e a liberdade reivindicadas pelas mulheres no contexto atual. O presente artigo insere-se nesse conjunto de preocupações e toma como objeto o “ser mulher” para crianças.

Sabemos que as crianças estão constantemente em processo de formação. Elas estão expostas a diversos contextos, interagem, socializam entre si e com os adultos, constroem e reproduzem representações sociais nos contextos em que se inserem. No que tange ao gênero, as crianças têm sido historicamente educadas para reproduzir as diferenças. Os comportamentos desejados para meninos e meninas são reforçados, de forma espontânea (ou não), nas pequenas ações e nos hábitos do cotidiano das instituições família e escola. A voz das crianças, muitas vezes silenciada, tem sua importância, e neste trabalho consideramos fundamental abrir espaço para identificar os sentidos que atribuem à mulher, em geral figura de referência em suas vidas.

A escola é o primeiro ambiente, diferente do familiar, que as crianças frequentam regularmente. A instituição lhes oferece a possibilidade de conhecer outros meninos e meninas de diferentes culturas e realidades. Assim, nas relações sociais estabelecidas no contexto educativo, certamente, elas constroem representações sobre a mulher. Ressaltamos que estudantes, meninos e meninas, e a diversidade de experiências que vivenciam no ambiente escolar desde os seus primeiros anos de vida têm sido objeto de interesse de investigadores em múltiplas áreas, especialmente, a de Educação (Carvalho, 2004).

A despeito de situações de violência, opressão e desigualdades, ainda contundentes em relação à mulher, espaços antes majoritariamente reservados aos homens hoje são ocupados também por elas. Compreendemos que os movimentos sociais, o feminismo em suas várias faces, a produção científica sobre gênero, as informações veiculadas pelos meios de

comunicação social, bem como as conquistas da mulher na sociedade são fatores decisivos para construção e reconstrução de representações sociais de diferentes grupos, dentre esses as crianças.

Inserimos a temática deste artigo no debate sobre gênero, contudo admitimos sua abrangência, pois gênero vai muito além da condição biológica do sujeito, é uma construção social-histórico-cultural. Cientes de que as questões relacionadas ao gênero, particularmente à mulher, perpassam o currículo admitimos que, mesmo que insuficientes, as discussões sobre esse tema fazem-se necessárias tanto para o empoderamento feminino e infantil, quanto para a conscientização das crianças no sentido de que não perpetuem comportamentos estereotipados, machistas, preconceituosos, sexistas e misóginos.

O empoderamento feminino, segundo Sardenberg (2006), refere-se à libertação das mulheres do sistema opressor de gênero, machista e heteronormativo<sup>3</sup> comum na sociedade. O autor refere-se ao empoderamento como um processo de conscientização e superação, por parte da mulher, da situação de dominação masculina a que está exposta. Miranda (2015) considera que o processo de empoderamento infantil é fundamental para que as meninas, desde cedo, não fiquem submetidas aos padrões heteronormativos, uma vez que os papéis sociais e os modelos estereotipados começam a ser incorporados muito cedo à vida das crianças.

No convívio familiar, tal como nas salas de aula, o que prevalece para as meninas são padrões associados ao cuidar, à delicadeza, à vaidade, à submissão, à docilidade etc. Os meninos, em geral, são instruídos a serem fortes, responsáveis pela casa, os que desempenham o trabalho externo. Neste artigo apresentamos elementos consensuais nas representações sociais do ser mulher, construídas por crianças matriculadas em escolas públicas dos anos iniciais do ensino fundamental, situadas em Recife. Entendemos tratar-se de um assunto relevante porque, ao identificar essas representações e como elas estão sendo construídas, poderemos oferecer indicativos para problematizar e desconstruir essas questões que se perpetuam nessas práticas.

Um balanço da produção científica sobre a temática a partir de 2001<sup>4</sup> indicou estudos que destacam: concepções de gênero na prática e formação docente e percepções de gênero construídas por crianças em seus processos de socialização.

Em geral as concepções de gênero na prática e na formação docente são marcadas por padrões sexistas, misóginos e heteronormativos. São artigos que abordam conceitos de gênero,

<sup>3</sup> O conceito de heteronormatividade foi introduzido na literatura por Michael Warner. Diz respeito a qualquer perspectiva que se apoie na ideia da heterossexualidade como única possibilidade de orientação sexual.

<sup>4</sup> Selecionamos 18 publicações (de 2001 a 2021) com alguma afinidade ao tema "ser mulher para crianças". Desses trabalhos, quatro estavam disponíveis no banco da Capes, cinco arquivados no repositório do GT-23 Gênero, Sexualidade e Educação da ANPED, um na Revista Eletrônica Estudos Feministas, três nos Cadernos de Pesquisa e cinco nos Cadernos Pagu.



relevância e ausência desse debate na formação de professores. Defendem que a reprodução de padrões sexistas influencia a construção da identidade feminina e masculina dos estudantes nas escolas. Os trabalhos com esse enfoque destacam que a compreensão dessas questões interfere na naturalização de padrões sexistas, que os critérios avaliativos se apoiam em concepções heterossexuais e que a formação de professores é fundamental para o tratamento crítico às questões de gênero no interior da escola.

Os estudos sobre concepções de gênero construídas por crianças em seus processos de socialização destacam a opinião e a construção de gênero por crianças reproduzidas no ambiente escolar de educação infantil e ensino fundamental, percepções de familiares, além de atividades que promovem a reflexão e a problematização de comportamentos estereotipados e heteronormativos nos espaços escolares.

Os textos examinados evidenciam que a escola e a família são os ambientes sociais nos quais as desigualdades de gênero são legitimadas e reproduzidas. Notadamente a instituição escolar, espaço privilegiado de socialização das crianças, tem contribuído mais para reproduzir do que para problematizar estereótipos e padrões heteronormativos.

Partindo do pressuposto de que a compreensão das crianças acerca do que é ser homem ou mulher, em geral, está associada à natureza biológica (masculino e feminino) e não a uma construção social, este artigo faz uma análise de desenhos de crianças associados a explicações acerca dessas produções a fim de explicitar as representações sociais do ser mulher para esse grupo.

### A Teoria das Representações Sociais (TRS)

A Teoria das Representações Sociais (TRS) foi inaugurada por Serge Moscovici, em 1961, em sua obra *A Representação Social da Psicanálise*, na França. Tomando por base as representações coletivas, que são estáticas, Moscovici (1978) cria o conceito de representações sociais como formas compartilhadas, dinâmicas e funcionais de explicar o mundo e, portanto, mais apropriadas às sociedades modernas. Em seu estudo original sobre a Psicanálise, o autor reconhece e critica a polarização existente na sociedade no que se refere ao conhecimento. Nessa sociedade, o conhecimento científico é reconhecido e valorizado, em detrimento do saber popular. Em sua obra, o autor não nega o saber *standard*, mas preocupa-se em defender o senso comum e sua lógica. Ele valoriza os universos consensuais quando mostra como gente comum da sociedade francesa se apropria de um saber sistemático, a teoria psicanalítica, amplamente divulgada naquela sociedade no pós Segunda Guerra. O autor salienta que senso comum sempre

foi julgado como algo sem valor, oposto à ciência, e oferece um novo status a essa forma de conhecimento, ao cunhar o conceito e mais tarde a Teoria das Representações Sociais.

Como postula o autor, esses universos consensuais estão em esfera diferente do científico, são um saber construído no cotidiano cuja função é orientar as práticas e os comportamentos do sujeito. Tais universos são as próprias representações sociais. Essas representações não se contrapõem ao saber científico, são formas de saber elaboradas nas comunicações e nas interações sociais. Moscovici (1978), mesmo reconhecendo as representações sociais como fenômenos complexos e de difícil definição, afirma que elas são formas de conhecimento construídas no senso comum que orientam os comportamentos dos sujeitos. Para Jodelet (2001, p. 22), as representações sociais são “uma forma de conhecimento, socialmente elaborada e partilhada, com um objetivo prático, que contribui para a construção de uma realidade comum a um conjunto social”.

De acordo com Moscovici (1978), três dimensões se articulam para a formação das representações sociais: a atitude, a informação e o campo da representação ou a imagem. A atitude relaciona-se às tomadas de posição favoráveis ou desfavoráveis do sujeito frente a um objeto; a informação diz respeito a quantidade e qualidade do conhecimento de que o sujeito dispõe sobre o objeto representado. Quanto maior a qualidade da informação, maior a possibilidade de construir representações; por fim, o campo da representação ou da imagem, isto é, um conjunto de informações organizadas/estruturadas sobre determinado objeto que formam uma imagem. A qualidade e a sistematização da informação são importantes à formação dessa imagem.

As comunicações são decisivas na construção das representações sociais, uma espécie de matéria-prima para sua construção. A relação da representação com a comunicação não considera somente aquilo que é comunicado, mas a maneira como é comunicado.

As representações sociais possuem quatro funções: a função de saber, pois permitem que o sujeito entenda ou dê sentido à realidade em que está inserido; as representações orientam as práticas e os comportamentos dos sujeitos; elas conferem identidade às pessoas e aos grupos, diferenciando-os; e, por fim, as representações sociais justificam as condutas dos indivíduos.

Reconhecendo o valor da TRS para estudos no campo da educação, este artigo toma como objeto o ser mulher para crianças em processo inicial de escolarização. Reconhecemos o “ser mulher para crianças” como um objeto de pesquisa da TRS, por ser um fenômeno que envolve crenças e valores e que faz parte das práticas cotidianas dos sujeitos, gerando conflitos e indagações nos grupos.

Ressaltamos que, como sujeito e objeto são inseparáveis ao representar e as experiências entre as pessoas no meio social são inúmeras, a representação de um objeto pode estar intrincada à outra, formando o que autores como Sá (1993), Felix et. al (2016), e Brandão, Benevides e Campos (2020) denominam de sistema de representações. Na pesquisa da qual resulta este artigo, as representações sociais do ser mulher nos são colocadas como elementos articulados que sugerem um sistema representacional do ser mulher para crianças.

## Metodologia

Desenvolvemos um estudo de abordagem qualitativa, delineado como estudo de campo. Selecionamos crianças matriculadas em turmas do quarto e do quinto anos do Ensino Fundamental de escolas públicas e privadas situadas em Recife-PE.

Selecionamos crianças matriculadas em escolas distribuídas nos bairros com maiores índices de violência contra a mulher da cidade do Recife. Tomamos essa decisão por entender que os bairros onde as crianças residem<sup>5</sup> e estudam, a sua cultura e a situação de violência desses espaços influenciam na forma como representam o ser mulher. Do recorte que fizemos para este artigo, participaram 20 crianças matriculadas em escolas públicas com média de 10 anos de idade.

Do grupo, oito moram com pais e irmão(s), sete moram com as mães e as demais integram arranjos familiares compostos por avós, mãe e padrasto, tias, dentre outros. As mães dessas crianças são, em maior parte, donas de casa ou trabalham em serviços gerais, principalmente de limpeza. Em relação à profissão dos pais ou dos homens da família, segundo as crianças, em geral, eles ocupam postos que exigem níveis mais elementares de escolarização tais como pedreiro, *motoboy*, caminhoneiro, porteiro, cozinheiro, vendedor, comerciário, motorista de aplicativo, além do trabalho informal.

Como instrumentos de coleta de dados, utilizamos o desenho seguido de uma entrevista individual com as crianças. Sobre o uso do desenho em pesquisa, Farias e Furegato (2005) afirmam tratar-se de um recurso que permite o acesso do pesquisador às emoções, às ideias, às visões do indivíduo de maneira mais livre e espontânea, tornando-se um ato inconsciente que expressa os sentimentos de quem desenha. Os desenhos das crianças expressam significados e sentidos que vão muito além da sua ilustração; revelam crenças, opiniões, valores e emoções.

<sup>5</sup> A Lei nº 11.700, desde 2008, assegura que estudantes da rede pública, a partir dos quatro anos, tanto da educação infantil quanto do fundamental, têm direitos a vagas em escolas mais próximas de sua residência.

Para desenvolver o trabalho de campo, procedemos da seguinte forma: após uma breve apresentação da pesquisadora e do objetivo da investigação, orientávamos as crianças como preencher o cabeçalho do formulário de pesquisa. Elas deveriam informar nome, idade, série/ano e nome da escola em que estudavam. Os desenhos poderiam ser feitos pelas crianças à maneira delas, poderiam ser coloridos ou não, conter ou não textos escritos.

Após as crianças serem orientadas a produzirem seus desenhos, o que ocorreu em um tempo médio de 30 minutos, foram realizadas entrevistas individuais com cada uma delas com fim de que descrevessem e explicassem os desenhos produzidos.

A organização e a análise do material coletado foram orientadas pela técnica de análise de conteúdo de Bardin (2004). Separamos os desenhos por semelhança conforme indicavam os depoimentos de entrevistas e procedemos à análise de conteúdo categorial temática. Os temas eram frases elaboradas em conformidade com o teor das significações atribuídas à mulher.

A pesquisa da qual resultou este artigo respeitou os procedimentos éticos, pois foi aprovada pelo Comitê de Ética sob o CAEE nº 61733422.7.0000.5208, e os pais e/ou responsáveis autorizaram, por meio de documento escrito que se encontra sob nosso poder, a participação das crianças.

## Resultados e discussão

Exploramos os desenhos e os depoimentos das crianças com base nas semelhanças e nas diferenças e agrupamos conforme as características compartilhadas. Os agrupamentos indicaram variados elementos representacionais conferidos ao ser mulher, a saber: mãe, guerreira, feminina e livre. Nos limites deste artigo, exploramos dois desses elementos pelo modo como se destacaram e se articularam no que se refere às representações sociais do ser mulher do grupo investigado.

### a) Ser mulher é ser mãe

Os desenhos e as justificativas desse grupo destacam a mulher como uma referência no âmbito familiar, associada à maternidade, ao cuidado e à proteção dos filhos, responsabilidades como as atividades domésticas, além de mulher como exemplo de força e determinação.

A mulher como uma referência no espaço da família aparece no desenho nº 1<sup>6</sup> bem como nas justificativas que lhe foram atribuídas, pois, ao falar do seu desenho, a criança afirma

<sup>6</sup> A codificação utilizada para os desenhos contempla a abreviatura da criança (cr), nº do protocolo de entrevista, gênero da criança participante, turma (ano que a criança frequenta na escola) e idade do participante da pesquisa. Exemplo: (cr\_x\_M/F//turma\_04/05//id\_x).

ter desenhado sua família nuclear: a mãe, o pai e os irmãos. Afirma: “a gente se ama e daí minha mãe cuida de mim com muito carinho e atenção e aí eu amo o meu pai, a minha mãe, os meus irmãos e todo mundo”<sup>7</sup>. A criança evidencia a importância da mulher/sua mãe como figura de referência na família, alguém que cuida e que merece seu amor. De acordo com Ribeiro e Cruz (2013), a criança “em seu desenvolvimento cognitivo, afetivo e moral constrói um repertório de habilidades e aptidões, conceitos e significados que a situam e orientam a em sua inserção nas práticas cotidianas” (Ribeiro e Cruz, 2013, p. 614). Assim, suas referências no desenho sugerem relações afetivas, morais e sociais vivenciadas no espaço familiar. O ser mulher está diretamente associado à mãe e ao seu papel no seio da família.

**Desenho 1** – (cr\_09\_M/turm\_05/id\_12)



**Fonte:** Dados da pesquisa.

No desenho nº 2, a autora, uma criança do quinto ano, diz ter desenhado uma mulher segurando um teste de gravidez e afirma: “[...] eu desenhei uma mulher com aquele negócio que faz o teste de grávida”. Essa criança mora com os pais e mais onze irmãos; certamente a sua situação familiar foi reproduzida no desenho, uma vez que fez o seguinte comentário sobre sua produção: “os homens não gosta quando a mulher tá grávida”.

<sup>7</sup> Não fizemos modificações nas falas das crianças sobre os seus desenhos, por isso foram transcritas do modo como ocorreram.

**Desenho 2** – (cr\_15\_F/turm\_05/id\_12)

**Fonte:** Dados da pesquisa.

Inferimos, com base na fala da criança, a naturalização da subordinação das mulheres e a hegemonia masculina, principalmente nos contextos de pobreza. Esses contextos parecem potencializar ainda mais essa subordinação. Inferimos que a criança deve estar vivendo situações familiares de conflito devido a mais uma gravidez de sua mãe. Assim, ao desenhar, faz imediata associação à mãe, novamente grávida e incompreendida pelo pai, o que sugere representações sociais de mulher nessa condição de subordinação ao homem, provedor financeiro da família.

A esse respeito destacamos o estudo desenvolvido por Pinto *et al.* (2011) sobre a condição de vida de mulheres chefes de família em situação de vulnerabilidade, sobre suas estratégias de sobrevivência e sobre as representações acerca do papel feminino. Os autores afirmam que, do ponto de vista dos direitos sexuais e reprodutivos, foram levantadas questões como gravidez e planejamento familiar. Para as mulheres ouvidas na pesquisa, um dos motivos pelos quais os anticoncepcionais hormonais, por exemplo, são descritos como ineficazes e difíceis de utilizar seria o esquecimento do uso da medicação devido ao acúmulo de tarefas a que essas mulheres são submetidas. Os autores completam que a violência de gênero e a subordinação das mulheres no Brasil estão presentes em todas as camadas sociais, notadamente entre as mulheres em situação de vulnerabilidade social, que têm direitos frequentemente negados e desrespeitados, gerando, dentre diversas violências, a psicológica (Pinto *et al.*, 2011).

Para seis crianças desse grupo, ser mulher está associado à maternidade, ao cuidado e também à proteção. O cuidar é identificado por Carvalho (2000; 2004) como tarefa própria das mulheres. Para a autora, além do cuidado, são delegadas às mulheres as responsabilidades de acompanhar os filhos e de estimular seus estudos durante todo o processo educativo, cultura

que dissemina a concepção de que a figura feminina pertence ao ambiente privado, sobrecarregando as mulheres e reproduzindo desigualdades de gênero.

Na mesma direção, Louro (1987) afirma que os papéis sociais são padrões estabelecidos por membros da sociedade para definir comportamentos, modos de se relacionar, de se portar ou de se vestir. Esses papéis vão definir o que é adequado e o que é inadequado para homens e mulheres que devem responder a essas expectativas. Esse papel quase que exclusivo da mulher como alguém que protege e cuida é compartilhado pelas crianças desse grupo. As mulheres são representadas como mães e donas de casa, muito restritas à convivência no espaço privado ou no doméstico.

No desenho nº 3, um menino, aluno do quinto ano, ilustra a mãe segurando um escudo de flechas e dando tiros para proteger seus filhos. Nessa produção, a mulher aparece inclinada, com o rosto sério, acompanhada, na parte de trás, por duas crianças. Na parte superior da folha, a frase: “Mãe, guerreira, protetora e trabalhadora”. Para justificar o seu desenho, a criança declara: “[...] todas as mães preferem dar a vida para salvar os seus filhos...”. Esse menino, que mora com a mãe e mais dois irmãos, ainda insiste: “minha mãe dá de tudo pra poder me alimentar e alimentar os meus irmãos”.

O desenho nº 3 e seus comentários sugerem um arranjo familiar muito comum na atualidade, no qual a mãe é a responsável pela família. Segundo Cavenaghi e Alves (2018), as transformações sociais, demográficas e familiares são fatores que, desde o século XX, vêm influenciando a composição dos arranjos familiares brasileiros, que são cada vez mais diversificados. Essa pluralidade na estrutura familiar evidencia o processo de despatriarcalização, ou seja, o aumento de famílias chefiadas por mulheres. Elas têm assumido esse papel à medida que foram conquistando o seu espaço no mercado de trabalho, no ambiente escolar e no acadêmico. O modelo de família patriarcal e tradicional cedeu lugar aos modelos de famílias menos segregados, chefiadas por mulheres, composição familiar de grande parte dos lares brasileiros (Cavenaghi e Alves, 2018). São comuns os arranjos familiares em que as mulheres exercem a chefia dos lares de grande parte das crianças que estudam em escolas públicas.

Sabemos que as representações sociais são teorias elaboradas pelo sujeito nas suas relações com a cultura em um tempo determinado. Ao interagir e socializar com o mundo, o sujeito elabora o conhecimento e se apropria de conhecimentos que circulam na sociedade (Moscovici, 1978). O cotidiano é o lugar próprio de produção dessas representações. A partir dele e das experiências vividas, o sujeito constrói representação. Nesse sentido, ao residirem

em contextos de vulnerabilidade e acompanharem a luta diária de suas mães para protegê-las, as crianças representam o ser mulher associado a maternagem, proteção e cuidado. No caso do desenho nº 3, a criança segue reproduzindo seu contexto de luta pela sobrevivência protegida, em todos os sentidos, pela sua mãe. Reconhecemos que, por se tratar de uma criança cuja mãe é chefe de família e principal suporte familiar, esse contexto gera essa representação do ser mulher.

**Desenho 3 – (cr\_22\_M/turm\_05/id\_10)**



**Fonte:** Dados da pesquisa.

A referência à mãe é reiterada no desenho de nº 7, produzido por uma menina do quarto ano. Ela mostra uma mulher que admite ser sua mãe. Na camisa da referida mulher, que está sorrindo, está escrito “amo” e, ao lado, abaixo de suas mãos, aparecem duas crianças sorrindo, sugerindo, mais uma vez, o cuidado, a proteção e o refúgio que as crianças encontram na figura materna. Novamente são enfatizadas as relações da mulher com maternidade e família.

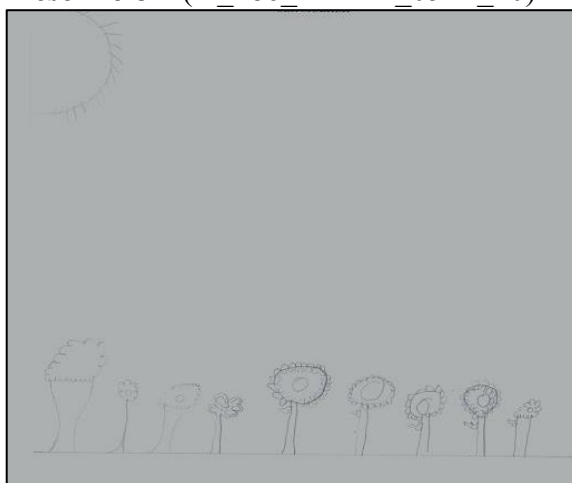
**Desenho 7 – (cr\_196\_F/turm\_04/id\_9)**



**Fonte:** Dados da pesquisa

O desenho de nº 8 foi produzido por um menino do quinto ano, ele apresenta, em plano horizontal, uma sequência de nove flores (girassóis). Sobre seu desenho, disse: “fiz girassóis porque as mulheres sempre são brilhantes”. Quando questionado sobre o que pensou ao fazer o desenho, responde: “na minha mãe e na minha avó porque elas sempre cuidaram de mim muito bem”. Atualmente, morando com a avó, diz que o desenho significa que as mulheres são sempre brilhantes e importantes porque, como mães, cuidam e protegem os filhos.

**Desenho 8** – (cr\_186\_M/turm\_05/id\_10)



**Fonte:** Dados da pesquisa.

Além do já exposto, mais cinco crianças afirmaram ter pensado em suas mães e avós para produzirem seus desenhos. Tais indicativos reforçam a representação do ser mulher centralizado no ser mãe. No trabalho desenvolvido por Félix e Santos (2020), acerca das experiências e das representações sociais relacionadas à maternagem de crianças em sofrimento psíquico, foram destacadas a predominância de figuras femininas (mãe, avó, madrinha ou tia) no cuidado e na assistência às crianças, bem como a responsabilidade dessas mulheres para com os serviços domésticos.

Dos desenhos e das justificativas que enfatizam as responsabilidades assumidas pelas mulheres, uma criança do quarto ano, referente ao desenho nº 9, esclareceu: “[...] eu desenhei uma menina brincando e escrevi que as mulheres têm muitas responsabilidades na vida.” Na produção, observamos uma mulher de vestido amarelo no canto esquerdo da folha. Acima, na parte superior direita, uma placa envolvida por um coração, com a frase “as mulheres têm muitas responsabilidades”.

A esse respeito, destacamos que a predominância feminina no desenvolvimento de atividades domésticas foi identificada por Senkevics e Carvalho (2015), que estudaram como

crianças de camadas populares concebem as atividades cotidianas vinculadas ao gênero e revelaram que a participação de meninas em atividades domésticas é muito mais expressiva quando comparada à dos meninos.

**Desenho 9 – (cr\_155\_M/turm\_04/id\_9)**



**Fonte:** Dados da pesquisa.

O desenho de nº 10 e sua descrição reiteram o compromisso das mulheres (mães) com os filhos e com o trabalho doméstico. Nessa produção, alguns detalhes devem ser considerados: a cor (rosa) predominante no vestido da mulher e da menina do desenho, a tonalidade feminina bem de acordo com os padrões heteronormativos. Destacamos, ainda, a menina do desenho, ela carrega uma bolsa com flores, e a mulher que se dirige ao fogão está com uma panela nas mãos. Ao lado, a criança escreveu: “*ter responsabilidade e cuidar dos filhos*”. De acordo com a criança, as mulheres trabalham muito, cuidam dos filhos e da casa.

**Desenho 10 – (cr\_194\_F/turm\_04/id\_8)**



**Fonte:** Dados da pesquisa.

Com os mesmos significados dos desenhos 09 e 10, o desenho de nº 11, produzido por uma criança do quarto ano, representa o ser mulher associado ao trabalho doméstico. O traçado contém três planos: no primeiro, a mulher está com uma esponja na mão em frente a uma pia (supostamente pratos a serem lavados); o segundo mostra a mulher ao lado do fogão com panelas; e, no terceiro, a mulher aparece ao lado de uma cama arrumada. Quando perguntada sobre o desenho, a criança fala: “[...] desenhei a mulher lavando os pratos, fazendo a comida e forrando a cama”. Mais uma vez, a criança, ao representar o ser mulher, reproduz os papéis assumidos pela mulher no seu contexto.

**Desenho 11 – (cr\_02\_F/turm\_04/id\_11)**



**Fonte:** Dados da pesquisa.

Percebemos que, apesar de Sorj (2013) afirmar que, com o ativismo das mulheres e as críticas sociais feministas, a visão tradicional do trabalho da mulher (reduzido ao cuidado e ao ambiente doméstico) está enfraquecida, as produções das crianças sugerem que essas mudanças ainda não alcançaram alguns grupos sociais, principalmente as mulheres mais pobres, com baixa instrução, moradoras das periferias. Em geral, resta a essas mulheres o trabalho doméstico como fonte de sobrevivência. Na perspectiva de Sorj (2013), em outros tempos, cabiam à mulher a responsabilidade pelo espaço social doméstico e, consequentemente, o cuidado com o outro. A autora aponta que a relação do trabalho desempenhado por homens comparado ao das mulheres, no espaço público e privado, reflete desigualdades e diferenças de gêneros. O que percebemos é que tais desigualdades e diferenças permanecem vivas principalmente nos estratos sociais mais pobres.

Ainda nessa categoria, identificamos desenhos que, sem perder de vista a maternagem, relacionam o ser mulher a coragem, determinação e força para enfrentar os obstáculos cotidianos.

O ser mulher como mãe, a pessoa que protege, cuida e é responsável pelos serviços domésticos marca as representações das crianças. Tais representações são compartilhadas por meninos e meninas entrevistados. Em face do exposto, admitimos que os contextos de influência, os bairros em que residem, a convivência diária com suas mães, o cuidado e a proteção que elas lhe dedicam e o exercício contínuo de serviços domésticos são fatores decisivos para a construção das representações sociais “ser mulher” do grupo pesquisado.

### **b) Ser mulher é ser guerreira**

Articulada à primeira categoria, a segunda apresenta justificativas que definem a mulher como batalhadora, guerreira e determinada. Incluímos nesse grupo cinco desenhos que destacam como qualidades da mulher/mãe: ser guerreira e trabalhadora.

Os conteúdos desenhos relacionados à mulher trabalhadora expressam a mulher no exercício de sua profissão, como no desenho n° 14, produzido por um menino do quarto ano. No referido desenho, a mulher está sentada com um celular ao seu lado. A criança fala referindo-se à mãe: “[...] eu desenhei minha mãe trabalhando”. Conforme descreve a criança, ser mulher significa ser trabalhadora.

**Desenho 14 – (cr\_191\_M/turm\_04/id\_11)**



**Fonte:** Dados da pesquisa.

De modo semelhante ao captado neste material, o trabalho realizado por Souza (2012) evidenciou que as crianças representam a mulher, dentre outros aspectos, como trabalhadora. Diferente dos demais, o desenho n° 14 não trata de responsabilidades domésticas assumidas pela mulher.

Os desenhos números 15 e 17 sugerem representações sociais da mulher como guerreira, uma espécie de metáfora feita por essas crianças. Na produção de nº 15, a mulher desenhada realiza um trabalho que, para a criança, é árduo. O desenho mostra uma mulher, do lado esquerdo, usando um vestido e carregando o balde, indo em direção a uma fonte pegar água. Do lado direito, uma árvore, aparentemente em uma colina, com flores e algumas folhas voando. A criança afirma: “Eu desenhei uma mulher pegando água na fonte porque eu considero isso um trabalho muito pesado. Pra mim, ser mulher é ser guerreira”. Segundo a criança, o desenho significa que as mulheres são incompreendidas pelas pessoas, passam por momentos difíceis que são encarados como banais por outros.

**Desenho 15** – (cr\_195\_F/turm\_04/id\_10)



**Fonte:** Dados da pesquisa

Sobre a mulher ser guerreira, o estudo de Coelho et. al. (2016), que teve como objetivo revelar o reconhecimento e os sentidos do trabalho para mulheres recicladoras, mostrou que ser “mulher-guerreira”, para essas trabalhadoras, significa, com o seu trabalho, garantir o sustento da família, uma mulher que enfrenta as dificuldades e não padece frente à dureza desse trabalho e das tarefas domésticas que assume.

Uma menina do quarto ano elabora o desenho nº 17, que representa uma mulher trabalhadora e financeiramente responsável por seus compromissos. Nele, podemos observar uma mulher com um carro de compras, supostamente no interior de um supermercado, dirigindo-se ao caixa. Segundo justificou a criança, ela desenhou uma mulher trabalhadora porque “ela honra os seus compromissos, faz o que deve fazer, tipo, comprar as comidas, ajeitar a sua casa e pagar os negócios que ela tá devendo”. Essa criança mora sozinha com sua mãe e reproduz, por meio do desenho e de suas falas, sua rotina de convivência com a mãe. Conforme

afirmou, sua mãe trabalha bastante e acorda todos os dias muito cedo para deixá-la na escola. Novamente as representações sociais do ser mulher aparecem associadas à mãe, uma guerreira que trabalha muito.

**Desenho 17 - (cr\_197\_F/turm\_04/id\_9)**



**Fonte:** Dados da pesquisa.

As crianças focalizam, em seus desenhos e justificativas, o trabalho e as lutas das mulheres pela sobrevivência, como proporcionadores de dignidade feminina.

O desenho nº 18 é de uma criança matriculada no quinto ano. O desenho mostra um coração grande no centro, pintado de vermelho; abaixo a frase: “*ser mulher é incrível*”. Quando questionada sobre o seu desenho, a criança nos diz: “as mulheres são importantes para o país, pois são trabalhadoras [...] a gente vai estudar pra ser alguém na vida e vai construindo o futuro”. Conforme afirmou a criança, as mulheres são incríveis, batalhadoras e guerreiras.

**Desenho 18 – (cr\_141\_F/turm\_02/id\_10)**



**Fonte:** Dados da pesquisa.

O que depreendemos das produções analisadas nesse grupo de desenhos foram representações sociais do ser mulher numa tríade que agrega mãe/trabalhadora/guerreira. Conforme a maioria dos desenhos, as crianças elaboram representações sociais do ser mulher tomando como referência a própria mãe, seu contexto de vida e profissão. Tanto os meninos quanto as meninas representam a mulher/mãe como batalhadora e/ou guerreira. Das cinco crianças entrevistadas, três afirmaram que o desenho tinha relação com o que fazem todos os dias. Sob essas condições, confirmamos que a figura da mãe organiza as representações sociais do ser mulher das crianças, e suas representações estão diretamente influenciadas pelo contexto social em que vivem.

### Ser mulher: um sistema representacional

Como afirma Jodelet (2001), as representações sociais são formas de conhecimentos socialmente produzidos, com finalidade prática, que colaboram na construção de uma realidade comum. Ao elaborar uma representação, o sujeito se mistura com o fenômeno (objeto) representado. Portanto, a representação é, ao mesmo tempo, de alguém e de alguma coisa. Moscovici (1978) reitera a indissociabilidade do sujeito e do objeto representado.

Considerando que sujeito e objeto são inseparáveis na representação, a variedade de experiências e comunicações entre as pessoas no meio social e, tomando como referência autores como Sá (1993), Felix *et al.* (2016), Brandão, Benevides e Campos (2020), reconhecemos a dificuldade de se identificar uma representação isolada de alguns objetos. Isso ocorreu ao investigarmos o “ser mulher” para crianças.

Sobre essa suposta dificuldade de se isolar a representação social de alguns objetos, Felix *et al.* (2016) discute a noção de sistema de representações. Esse sistema refere-se a “articulações entre representações e/ou objetos sociais, podendo ser identificado a partir do compartilhamento de vários elementos” (Félix *et al.*, 2016, p. 16).

Nessa mesma direção, Rateau (1995), citado por Brandão Benevides e Campos (2020), constrói a hipótese de que alguns objetos, ao serem representados, não possuem uma representação única, isolada, mas uma rede de representações, ou seja, representações organizadas e ligadas por elementos comuns e compartilhados. Elas formam o que denomina de sistema de representações.

Em estudo de representações sociais de conjugalidade de casais recasados, Silva, Trindade e Júnior (2012) explicam que “[...] todos os objetos e os elementos representacionais presentes em um sistema representacional estão interrelacionados de tal forma a dar coerência

e sentido a esse sistema representacional, como uma rede de significações e símbolos” (Silva, Trindade e Junior, 2012, p. 441).

Segundo Brandão, Benevides e Campos (2020), “um sistema de representações pressupõe a organização dos objetos de representação social em conjuntos ou redes, nas quais novas representações tendem a ser inseridas, de forma a adquirir significação e estruturação” (Benevides e Campos, 2020, p. 179).

No âmbito da Educação, os referidos autores comentam que objetos desse campo são profundamente marcados pelo contexto cultural, histórico e afetivo em que se inserem, o que dificultaria a captura de representações sociais isoladas. Brandão, Benevides e Campos (2020) fazem menção a alguns estudos na área como, por exemplo, o clássico trabalho de M. Gilly (2001) sobre a relação entre professor e aluno, na França, e como o de Campos (2003), sobre meninos de rua, para exemplificar que, ao investigarem esses objetos, não identificaram uma representação isolada e ratificar a noção de sistema de representações.

Do trabalho desenvolvido por Bona, Espíndola e Maia (2017), embora se refira a representações encaixadas, podemos depreender um sistema de representações, uma interdependência e uma hierarquia entre as representações sociais de autonomia e autonomia docente.

Tendo em vista o conceito de sistema de representações como organização dos objetos/elementos de representação social em conjuntos ou redes, identificamos, nos achados desenhos e nas justificativas feitas por crianças de escolas públicas, que suas representações do “ser mulher” estão articuladas e formam um sistema de representações.

A articulação entre as representações do objeto “ser mulher” pode ser identificada a partir do compartilhamento de elementos e entre essas representações. Percebemos uma relação de hierarquia, na qual o ser mulher como *mãe* orienta e perpassa outras representações como, por exemplo, ser *guerreira*.

Conforme apresentamos, o ser mulher centralizado na “mãe” que cuida e protege as crianças e o sentimento da maternagem movimentam as representações sociais das crianças. Portanto, inferimos entre as crianças matriculadas na escola pública estão em um sistema de representações sociais do ser mulher que articula significados compartilhados e hierárquicos. Nesse conjunto, as representações sociais do ser mulher estão ancoradas em *mãe*, elemento central e estruturador, e, em torno dele, há o elemento *guerreira*.

## Considerações finais

Buscamos identificar as representações sociais do ser mulher construídas por crianças matriculadas em escolas públicas de Ensino Fundamental situadas em Recife. À luz da Teoria das Representações Sociais, o trabalho buscou explicitar esses elementos simbólicos evidenciando semelhanças e diferenças entre os participantes.

Como demonstramos ao longo deste texto, as representações sociais do ser mulher têm na *mãe* seu maior referente. À mãe estão correlacionados os elementos: *cuidado*, *proteção* e *guerreira*.

É notória a força do contexto social, das condições materiais de vida dos sujeitos para a construção de suas representações sociais do ser mulher. Depreendemos que o bairro onde moram, a convivência mais restrita com mulheres (mães e avós), geralmente a luta pela sobrevivência e a condição de classe social exercem influências na construção dessa simbologia. Assim, corroboramos Moscovici (1978) quando afirma que as representações sociais são elaboradas coletivamente a partir da realidade cotidiana. É na convivência e por meio das regras grupais que nos constituímos sujeitos, aprendendo a dar e/ou a incorporar significados a coisas, pessoas e objetos.

As representações sociais do “ser mulher” têm em comum a ênfase na figura da *mãe* e os desafios enfrentados pelas mulheres sintetizados na metáfora *guerreira*.

O que conjecturamos ao finalizar esta análise foi a impossibilidade de isolar as representações do ser mulher expressas pelas crianças. Como mostramos, o ser mulher, para crianças, é um campo simbólico para o qual convergem vários elementos, formando um sistema de representações. São representações intrincadas.

Ressaltamos que a luta das mulheres por igualdade de direitos e liberdade é constante, e, ainda que haja avanços, retrocessos persistem. As crianças em constante processo de aprendizagem, influenciadas pelo meio e pela interação com adultos, tendem a reproduzir valores estereotipados e discriminações baseadas no gênero. De modo geral, a escola como espaço de construção de representações e também de suas transformações tem se revelado insuficiente para problematizar questões que inferiorizam a mulher de diferentes formas, pois pode ser uma forte aliada na busca por equidade feminina. No entanto, insistimos que a educação e a escola têm decisivo papel para a desconstrução de estereótipos em relação à mulher, algo que, portanto, pode ser melhor explorado.

**Nota dos autores:**

Conflito de interesse: Os autores não declararam quaisquer potenciais conflito de interesse.

Autor correspondente: Laêda Bezerra Machado. [laeda01@gmail.com](mailto:laeda01@gmail.com)

Agência Financiadora: FACEPE.

Número do Processo: IBPG-1676-7.08/19

**Referências**

BARDIN, Laurence. **Análise de conteúdo**. Lisboa: Portugal. Edições 70, 2004.

BONA, Viviane; ESPÍNDOLA, Elisangela; MAIA, Lícia de Souza Leão. As representações sociais de autonomia e autonomia docente e suas relações de encaixe. **Revista Educação e Cultura Contemporânea**, v. 14, n. 37, p. 161-183, out./dez. 2017. <https://doi.org/10.5935/2238-1279.20170045>.

BRANDÃO, Caio Teixeira; BENEVIDES, Andrea Silva; CAMPOS, Pedro Humberto Faria. Sistemas de representações sociais: contribuições para a pesquisa em educação. **Revista Teias**, v. 21, ago. 2020, Edição Especial, p. 1-16. <https://doi.org/10.12957/teias.2020.45106>.

CAMPOS, Pedro Humberto Faria. Rapports entre pratiques et représentations: apports théoriques et empiriques pour un modèle d'étude. **Psychologie & Société**, v. 3, n. 6, p. 135-166, 2003.

CARVALHO, Maria Eulina Pessoa. Relações entre família e escola e suas implicações de gênero. **Cadernos de Pesquisa**, n. 110, p. 143-155, julho/2000. <https://doi.org/10.1590/S0100-15742000000200006>.

CARVALHO, Maria Eulina Pessoa. Modos de educação, gênero e relações escola-família. **Cadernos de Pesquisa**, v. 34; n. 121, p. 41-58, jan./abr. 2004. <https://doi.org/10.1590/S0100-15742004000100003>.

CAVENAGHI, Suzana; ALVES, José Eustáquio Diniz; **Mulheres chefes de família no Brasil: avanços e desafios**. Estudos sobre seguros. Edição 32, março, 2018.

FARIAS, Francisca Lucélia Ribeiro; FUREGATO, Antonia Regina Ferreira. O dito e o não dito pelos usuários de drogas, obtidos mediante as vivências e da técnica projetiva. **Rev Latino-am Enfermagem**, v. 13, n. 5, p. 700-707, 2005. <https://doi.org/10.1590/S0104-11692005000500014>.

FÉLIX, Ligia Botelho; SANTOS, Maria de Fatima Souza; “O cuidado é dobrado”: maternar no contexto da atenção psicossocial. **Rev. Nufen: Phenom. Interd.** Belém, n. 12, v. 3, p. 154-175, set./dez., 2020. <https://doi.org/10.26823/RevistadoNUFEN.vol12.nº03artigo79>.

FÉLIX, Ligia Botelho *et. al.* O conceito de Sistemas de Representações Sociais na produção nacional e internacional: uma pesquisa bibliográfica. **Psicologia e Saber Social**, v. 5, n. 2, p. 198-217, 2016. <https://doi.org/10.12957/psi.saber.soc.2016.20417>.

GILLY, Michael. As representações Sociais no campo da educação. In: JODELET, Denise. (Org.) **As Representações Sociais**. Rio de Janeiro: EDUERJ, 2001.

JODELET, Denise. Representações sociais: um domínio em expansão. In: D. JODELET (org.), **As Representações Sociais**. Rio de Janeiro, EDUERJ, 2001, p. 17-44.

LOURO, Guacira. **Gênero, Sexualidade e Educação: uma perspectiva pós-estruturalista**. Petrópolis: Rio de Janeiro. 6ª ed. Editora Vozes, 1997.

MINAYO, Maria Cecília. Análise de conteúdo. In: **O desafio do conhecimento**. São Paulo: 2006, p. 319-327.

MIRANDA, Marília. **Empoderamento Infantil de meninas**: Fortalecendo as garotas desde cedo; 2015. Disponível em: <https://www.geledes.org.br/empoderamento-infantil-de-meninas-fortalecendo-as-garotas-desde-cedo/> Acesso em: 12 de dezembro de 2021.

MOSCOVICI, Serge. **A representação social da psicanálise**. Tradução de Álvaro Cabral. Rio de Janeiro: Zahar, 1978.

PERUCCHI, Juliana; BEIRÃO, Aline Maiochi. Novos arranjos familiares: Paternidade, parentalidade e relações de gênero sob o olhar de mulheres chefes de família. **Psicologia Clínica**, v. 19, n. 2, 2007, p. 57–69. <https://doi.org/10.1590/S0103-56652007000200005>.

PINTO, Rosa Maria Ferreira *et. al.* Condição feminina de mulheres chefes de família em situação de vulnerabilidade social. **Serv. Soc. Soc.**, São Paulo, n. 105, p. 167-179, jan./mar. 2011. <https://doi.org/10.1590/S0101-66282011000100010>.

ROSA, Danilo Fagundes, *et. al* Assistência de Enfermagem à população trans: gêneros na perspectiva da prática profissional. **Revista Brasileira de Enfermagem**, 72, 299-306. (2019). <https://doi.org/10.1590/0034-7167-2017-0644>.

RIBEIRO, Fernanda Siqueira; CRUZ, Fatima Maria Leite. Representações sociais de família por crianças na cidade de Recife. **Psicologia & Sociedade**, v. 25; n. 3, 2013, p. 612-622. <https://doi.org/10.1590/S0102-71822013000300015>.

SARTI, Cíntya. A Família e individualidade um problema moderno. In: CARVALHO. M.C.B. (Org.) **A família contemporânea em debate**. São Paulo: Cortez, 2003, p. 39-49.

SARDENBERG, Celia Maria Brito; Conceituando “Empoderamento” na Perspectiva Feminista. In: SEMINÁRIO INTERNACIONAL: Trilhas do Empoderamento de Mulheres, 2006, Bahia. **I Semiário...** Bahia, 2006. Disponível em: <<https://repositorio.ufba.br/ri/bitstream/ri/6848/1/Conceituando%20Empoderamento%20na%20Perspectiva%20Feminista.pdf>>. Acesso em: 13 de dezembro de 2021.

SILVA, Priscila Oliveira Martins; TRINDADE, Zeide Araujo; JÚNIOR SILVA, Annor. S. As representações sociais de conjugalidade entre casais recasados. **Estudos de Psicologia**, v. 17, n. 3 set./dez. 2012, p. 435-443. <https://doi.org/10.1590/S1413-294X2012000300012>.

SÁ, Celso Pereira. Representações sociais: o conceito e o estado atual da teoria. In: SPINK, Mary Jane. (Org.) **O conhecimento no cotidiano**: as representações sociais na perspectiva da psicologia social. São Paulo: Brasiliense, 1993, pp; 19-45.

SENKEVICS, Adriano Souza; CARVALHO, Marília Pinto. Casa, rua, escola: gênero e escolarização em setores populares. **Cadernos de Pesquisa**, v.45, n.158,p. 944-968, out./dez, 2015. <https://doi.org/10.1590/198053143364>.

SORJ, Bila. Arenas de cuidado nas interseções entre gênero e classe social no Brasil. **Cadernos de Pesquisa**, n. 43; p. 1-14, 2013. <https://doi.org/10.1590/S0100-15742013000200006>.